



## REFORMA POLÍTICA:

“Pode renunciar após condenado”

Tenhamos em mente a seguinte configuração de sentença:

(...)

Tudo relatado, decido:

Condeno o réu à pena de 9 (nove) anos de reclusão, acrescida de 1/3 (medida urgente e necessária) por tratar-se de desvio de dinheiro público, totalizando 12 (doze) anos de prisão em regime fechado, com fundamento e fulcro nos dispositivos constitucionais e legais do Relatório retro, acolhida a peça acusatória (libelo), ajustada à prova dos autos.

Condeno-o, ainda, à perda do mandato eletivo de ....., restando o réu inelegível e inhabilitado para qualquer função pública pelo prazo de 8 (oito) anos contado a partir do cumprimento integral da pena. Cumpra-se.

— Excelência, pela ordem: Eu renuncio ao meu mandato.

— O Senhor já não tem mandato ao qual renunciar. Levem o apenado!

É rigorosamente necessário estabelecer-se que o direito à renúncia extingue-se com a abertura do processo penal; não pode ser concedido a quem quer seja, tão arraigada é a jogatina da vantagem circunstancial, praticar ilícitos, brincar com a lei, provocar despesas e consumir o precioso tempo de servidores públicos especializados para só depois, sob ameaça concreta do rigor legal, renunciar.

É inviável viver, trabalhar e/ou manter negócios em um país em que absurdos corporativos de autoproteção indevida são deixados para a undécima hora e votados de afogadilho com o fito de evitar a discussão pública de matéria que subverte inteiramente a ordem social, a ordem jurídica, a ordem moral, a ordem ética. Somos um povo de 215 (duzentos e quinze) milhões, a Câmara de deputados, nossa câmara de representantes, tem 513 (quinhentos e treze) membros. Que fique bem claro por parte do real detentor do poder: Esquisitices dessa ordem não podem prosperar.

O Brasil será ingovernável enquanto esse domínio encoberto e deformado existir como tem existido. Considerando o último Artigo, alinham-se abaixo Notas de encaminhamento da solução do problema.

— O número de deputados federais não poderá ultrapassar a metade do número atual, cujo tempo de mandato, não renovável na Legislatura seguinte, será computável em os efeitos de aposentadoria, não respondendo em qualquer caso a União Federal por aposentadorias suplementares ou similares, cujo custeio será da inteira responsabilidade dos ocupantes de cargos eletivos;

— Os subsídios dos deputados federais não poderão exceder no total o subsídio em espécie dos Senhores Ministros do Supremo Tribunal Federal, expressamente vedada a criação, a qualquer título e por qualquer meio, de vantagens de qualquer natureza;

— O Congresso não poderá em qualquer hipótese votar ou decidir aumentos diretos ou indiretos de subsídios e/ou remuneração, vantagens e auxílios de qualquer natureza em benefício dos seus cargos eletivos. Essa matéria será da competência exclusiva da Assembleia Nacional Constituinte.

— O ocupante por qualquer tempo de cargo eletivo aposentar-se-á nos termos da legislação da Previdência Social, contando-se como tempo de serviço, de forma simples, o tempo trabalhado como servidor público eleito;

— Cada deputado federal terá três assessores e uma secretária;

— Aos presidentes das Casas Congressuais será assegurado o foro especial do Supremo Tribunal Federal; os Congressistas em geral, no exercício de cargos eletivos, terão por foro a Justiça Federal nos crimes cometidos no exercício dos seus mandatos, devendo os processos em que figurarem como réus ter tramitação prioritária.

## PORTUGUÊS PARA ADULTOS

No início do primeiro parágrafo do Artigo da semana passada a expressão “e as nossas Instituições” entrou entre travessões, não afetando o tempo do verbo regente e o sentido da frase em si; depois do ponto e vírgula, o texto utilizou termos plurais para abarcar todas as expressões concorrentes. De seu turno, no segundo parágrafo, a expressão “os Artigos de 1 a 4” singulariza-se, diz uma coisa; se fosse dito “os Artigos 1 e 4”, pluralizando-se, teria dito outra coisa, aí afetando o verbo regente.

De qualquer modo, observemos o “amadurecemos, ampliamos a nossa visão de mundo”; ocupemo-nos do conteúdo, não da forma, que engessa as cabeças acadêmicas e formais, condenando-as a viverem para se provarem melhores do que as outras. Cresçamos em qualquer caso e, sobretudo, livremo-nos das viseiras.

Falando de Física, o ramo de conhecimento humano que melhor entende a linguagem de Deus, todos sabemos o que é um quark, uma partícula, não é mesmo? As partículas geralmente recebem nomes eruditos, o grego é usado com frequência para designá-las. Essa da qual falamos é por todos os modos a partícula fundamental; sem ela não existiriam átomos e moléculas, daí que, não fora ela, o nosso Universo não seria como é, mas uma “pasta” grosseira, disforme, e certamente não estaríamos aqui falando dela. Ninguém sabe ao certo a razão do seu descobridor dar-lhe o nome que tem. Bom, neste ponto entra o Irlandês James Joyce, autor de *Ulysses*. Em *Finnegans Wake*, seu último livro (atenção prospectores de “falhas” alheias, é assim mesmo, não tem apóstrofe no ‘n’ anterior ao ‘s’, Joyce grafou a palavra dessa maneira), que esperou algo como quinze anos, um pouco mais, para ser ‘acabado’ e publicado, a palavra aparece na expressão “*Three quarks for Muster Mark*” (atenção prospectores de “falhas” alheias, é assim mesmo, pelo texto conclui-se que Muster Mark é Mister Mark, Joyce grafou a palavra dessa maneira). No alemão informalíssimo ela pode ser também encontrada, mas é melhor não sair por aí a dizê-la para quem tem familiaridade com o idioma, vai pegar mal.

Embora não seja razoável dizer-se que ‘Finnegans’ é um livro complicado ou difícil, é certo não se tratar de um livro como qualquer outro. Nele, Joyce é por princípio, senão hermético, emaranhado, obrigando o leitor a desenredar o texto para entendê-lo, dar-lhe contornos claros a partir de dicas, ou pistas, por ele distribuídas pela obra. Sempre que possível eu o revisito no original, um exercício que me proporciona muito prazer, levando-me cada vez que o pratico a novas descobertas. Tive em mãos traduções em português, não gostei; ‘Finnegans’ é específico demais. Há uma acentuada diversidade interpretativa do texto, desde vê-lo na esfera da literatura experimental desenvolvida por fluxos de consciência e associações mentais diversas que não contemplam as convenções narrativas, até a sua classificação como sonhos ou devaneios sobre a linguagem. Não me agrada entrar por esse caminho, caso em que, a meu sentir, seria preciso entender a natureza da linguagem do sonho, espécie de miragem da qual impossível extrair algo de útil, tudo se situando na dimensão do nada, nenhum resultado e nenhum proveito. Já me passou pela cabeça que, transcorrido tanto tempo com ‘Finnegans’ na gaveta, Joyce começou a adivinhar passarinhos verdes, impondo-se terminar e publicar o livro de qualquer maneira, deixando ali e acolá indícios daquilo que pretendia para ele, mas não teve ‘pegada’ para realizar. O fato é que morreu a seguir, deixando ‘Finnegans’ como legado aos seus leitores com a tarefa de concluí-lo de fato ao lê-lo a partir de suas proposições, desenvolvidas sob visão própria, uma homenagem a cada revisita ao livro, como se o abrissem pela primeira vez em busca de sentidos que talvez o próprio autor não haja sequer sonhado para ele.

Afinal, a vida dos homens em geral não tem tanto disso, sentido, algo que apenas uma pequena proporção deles decide buscar e legar, parecendo-me que a busca de sentido para a vida envolve uma boa parcela de sonho, uma vez ser o pragmatismo habitual muito chato e, de regra, bastante rasteiro.

Tudo isso vem a propósito das cabeças que vivem na caixa, acadêmicas, formais e engessadas. O titular do blog nada tem de convencional, sua linguagem é de certo modo experimental, sua relação com o mundo, nem tão longe assim, projeta-se para além dele como forma de suportá-lo e a tudo o que tem de pior, apresentado a todos com indesejável frequência. Sem alguns tantinhos de sonho e glamour a vida seria insuportavelmente árida, sem graça. Por que isso não luziria vez ou outra aqui no blog?

## O SETE DE SETEMBRO

Fique em casa com a família se por qualquer razão você permanecer na cidade em que reside durante o feriado. Nem pense em comprar briga com o vírus, solto por aí; a briga é desigual, ele é traçoeiro, adora ajuntamentos de pessoas gritando umas perto das outras, liberando-o montado nas partículas de saliva soltas no ar, uma encrenca sem tamanho, enorme. Ninguém precisa ir à rua nessas circunstâncias, quem for, estará procurando encrenca. Fique longe disso, procure alguma coisa para ler, qualquer coisa, ler é sempre bom. Você pode começar pela minha sugestão a seguir, amplie depois.

“Creio ser possível descrever o fanático clinicamente como a pessoa excessivamente narcisista — na realidade, a pessoa que está próxima da psicose (depressão, frequentemente unida a tendências paranóicas), uma pessoa completamente desligada, como qualquer psicótico, do mundo exterior. Mas o fanático encontrou uma solução que o salva da psicose evidente. Escolheu uma causa, qualquer que seja — política, religiosa ou outra — e a endeusou. Fez dela um ídolo e, pela completa submissão a ele, adquire um apaixonado senso de vida, um sentido para a vida, pois em sua submissão se identifica com o ídolo, que endeusou e transformou num absoluto.

Se quiséssemos escolher um símbolo para o fanático, seria o de *gelo candente*. É a pessoa apaixonada e extremamente fria ao mesmo tempo. Está desligada do mundo, e ao mesmo tempo cheia de uma paixão escaldante, a paixão da participação e da submissão ao Absoluto. Para reconhecer o caráter do fanático devemos ouvir não tanto o que ele diz, mas observar o brilho particular em seu olhar, a paixão fria que é o paradoxo do fanático, ou seja, uma total falta de correlação fundida a uma adoração apaixonada do seu ídolo. O fanático está próximo daquilo que os profetas chamam de “adorador de ídolo”. Desnecessário dizer que ele sempre teve um papel de relevo na história, e frequentemente fingiu-se de revolucionário, e o que diz é precisamente — ou parece ser — o que um revolucionário diria.”

(Erich Fromm, *O Dogma de Cristo*, Tradução de Waltensir Dutra, Página 119 ao final até página 120 a meio — Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1965)

## IRMÃOS, VENCEDORES, HERÓIS

Temos uma tarefa, preservar o Brasil em nossas expectativas, orar a oração dos vencedores, não gritar opiniões, antes sustentar convicções. Temos uma outra tarefa, reconstruí-lo. Não é tarefa de sobremesa, mas assistem-nos condições de fazê-lo por amarmos verdadeiramente este país e estarmos para isso profissional, pessoal, emocional e tecnicamente preparados.

Irmãos, antes de tudo, por que não sermos vencedores e heróis, a Grande Dama por guia, o futuro por objetivo, o mundo por parceiro, a dignidade e a honra por fundação, a generosidade de atitudes e posições por marca de uma nação de vencedores? Sejamos, com a reconstrução do nosso país, os vencedores que todos podemos ser.

